

# INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ENTRE CONCEITOS E CONTEXTOS

Juliana de Fátima Souza

## Resumo

Este artigo discute, em linhas gerais, a evolução histórica do fenômeno da internacionalização da educação superior e algumas das motivações para o seu desenvolvimento na contemporaneidade. A partir de uma perspectiva crítica, sinaliza como a disseminação da ideia de uma “sociedade do conhecimento” repercute no *modus operandi* das universidades, que passam a promover a internacionalização cada vez mais como atividade estratégica para a constituição ou consolidação de sistemas acadêmicos de sucesso. Aborda a questão da popularização dos rankings acadêmicos que classificam as melhores universidades do mundo e o esforço crescente de muitos países em constituírem universidades de classe mundial que, dentre outras características, são instituições com alto índice de internacionalização. Tendo como referência central os estudos da canadense Jane Knight, assinala atributos de um processo de internacionalização acadêmica autêntica.

**Palavras-chave:** internacionalização da educação superior; educação internacional; sociedade do conhecimento.

## Abstract

This article discusses, in general terms, the historical evolution of the phenomenon of the internationalization of higher education and some of the motivations for its development in the contemporary times. From a critical perspective, it signals how the dissemination of the idea of a “knowledge society” has repercussions on the *modus operandi* of universities, which are increasingly promoting internationalization as a strategic activity for the constitution or consolidation of successful academic systems. It addresses the issue of the popularization of academic rankings that rank the best universities

in the world and the increasing efforts of many countries to constitute world-class universities that, among other characteristics, are institutions with a high level of internationalization. Mainly based on the studies of Canadian Jane Knight, it points out key elements of an authentic process of academic internationalization.

**Keywords:** internationalization of higher education; international education; knowledge society.

O fenômeno da internacionalização da educação superior não constitui algo novo. A circulação de elites intelectuais por cidades como Bolonha, Paris, Oxford, Coimbra e Salamanca contribuiu para a consolidação das primeiras instituições educacionais europeias de nível superior ainda na Idade Média<sup>5</sup>. Naquele período, num movimento conhecido como peregrinatio academica, docentes e discentes transitavam entres os polos mundiais de cultura e ciência, tendo o latim como a língua oficial do conhecimento (NOGUEIRA, 2004, p. 49).

Já na Modernidade, um marco significativo para a intensificação das relações internacionais entre universidades se deu em 1945. Após a segunda guerra mundial, muitos países, sobretudo europeus, firmaram acordos bilaterais e multilaterais a fim de garantir ajuda mútua para a reconstrução de suas bases científicas, tecnológicas e culturais (CASTRO; CABRAL NETO, 2012, p. 71).

Ao longo das três últimas décadas, porém, os processos de internacionalização tem se tornado mais complexos, desenvolvendo-se sobre múltiplas formas para além das suas modalidades tradicionais – como o intercâmbio estudantil e a cooperação científica – e com objetivos que muitas vezes extrapolam o campo universitário. Neste sentido, o presente trabalho se propõe a contextualizar as diferentes configurações desse fenômeno e as principais motivações subjacentes à sua promoção na contemporaneidade.

---

5. Assim como a maior parte dos estudiosos, empregamos o termo internacionalização para nos referirmos à mobilidade na Idade Média. Vale ressaltar, contudo, que o mais adequado seria usar o termo interterritorialidade, pois no período ainda não estavam constituídos os Estados-nações.

## 1 A internacionalização na sociedade do conhecimento

Desde fins do século XX tem sido disseminada internacionalmente a ideia de uma sociedade do conhecimento. A expressão, amplamente utilizada em discursos de instituições multilaterais como o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas e também em documentos oficiais de diversos Estados, confere ao conhecimento um papel central para o desenvolvimento das sociedades. Segundo Robertson (2012), metáforas como esta têm sido empregadas mundialmente para projetar novas configurações em torno da educação superior,

[...] para promover um imaginário específico, semioticamente rico, que está guiando [...] empreendimentos e criando uma forma de entender novas possibilidades para a produção do conhecimento. Estas metáforas estão guiando a reconstrução dos espaços educacionais existentes e também construindo novos espaços (ROBERTSON, 2012, p. 226-227).

A autora destaca o uso político das metáforas e sua eficiência para a disseminação de um discurso novo, auxiliando a projetar opiniões e também a gerar ansiedade sobre determinado assunto (ROBERTSON, 2012). Por sua vez, Chauí (2003) e Dias Sobrinho (2010) advertem sobre o ideário subjacente à expressão sociedade do conhecimento. Para eles, o termo tem sido utilizado de forma pouco reflexiva, como se seu significado se reduzisse à denotação de uma sociedade na qual o conhecimento é compartilhado globalmente. Apontam que o uso trivializado do conceito esconde sua centralidade, que estaria no uso econômico do conhecimento e da informação; no conhecimento como recurso para a competição entre economias; no conhecimento que tanto pode ser incluyente como excluyente de sociedades mais ou menos inseridas no processo de globalização.

A partir desse novo imaginário, a internacionalização da educação superior adquire um papel estratégico para a evolução das instituições universitárias. Espera-se que a interação com os principais centros mundiais de produção do conhecimento possibilite aos Estados a consolidação ou aprimoramento de seus sistemas acadêmicos, o que, em última instância, repercutirá nas capacidades nacionais de desenvolvimento de inovação,

ciência e tecnologia. Nesta perspectiva, o conhecimento é considerado insumo produtivo, essencial para o crescimento econômico. Ademais, a internacionalização como fim em si mesmo também passa a ser propagada, visto os altos rendimentos gerados pelas matrículas internacionais naqueles países que já possuem sistemas de educação superior de excelência reconhecida e que atraem um número maior de estudantes estrangeiros a cada ano. Robertson (2011, p. 435) sinaliza que no Reino Unido, por exemplo, a educação internacional já movimentava mais a economia britânica do que o setor das indústrias automotivas e de serviços financeiros.

Face à complexidade desse cenário, torna-se necessário considerar quais os atributos de uma autêntica internacionalização, considerando que se trata de um processo histórico e socialmente construído e, portanto, de um conceito sempre passível de disputas. A canadense Jane Knight (2005, 2012) contribui para a compreensão deste fenômeno ao apresentar os sentidos da internacionalização e também o que ela elenca como cinco verdades fundamentais acerca do tema.

## **2 Características de uma internacionalização autêntica**

A internacionalização corresponde, de maneira geral, a um processo deliberado de introdução de dimensões internacionais, interculturais ou globais em todos os aspectos envolvidos com a educação superior – ensino, pesquisa e extensão – conforme conceitua Knight (2005, p. 22). Segundo a autora, primeiramente é importante considerar que um processo genuíno de internacionalização deve respeitar os contextos locais e contribuir para o aprimoramento de suas realidades. Esta proposição vai de encontro ao pensamento de Bourdieu (2002) para quem os intercâmbios internacionais são muitas vezes geradores de mal-entendidos devido ao fato de se desconsiderar tanto os campos da produção quanto o da recepção do conhecimento.

A segunda assertiva apresentada pela autora, nesta mesma linha, diz que a internacionalização deve ser sempre um processo adaptável, sem um modelo genérico, e construído conforme os perfis e as necessidades das instituições envolvidas a fim de que se possam estabelecer de forma coerente

os objetivos e resultados esperados. Em relação às parcerias internacionais, por exemplo, Knight assinala que é um equívoco acreditar que quanto mais acordos uma instituição firmar, mais internacionalizada ela será. A autora pontua que a prática tem demonstrado que a maioria das instituições de educação superior (IES) não pode gerenciar adequadamente um número muito grande de contratos, pois mantê-los ativos e produtivos requer um grande investimento de recursos humanos e financeiros, de modo que a tendência seria concentrar o esforço em um grupo menor de parcerias prioritárias (KNIGHT, 2011, p. 14-15).

Em terceiro lugar, o processo de internacionalização deve considerar os riscos e resultados não intencionais que poderão se apresentar, como o problema da fuga de cérebros, da emissão fraudulenta de diplomas estrangeiros e também da possibilidade de tratamento da educação como serviço. A quarta verdade corresponde à compreensão de que a internacionalização não é uma finalidade em si mesma; mas sim um meio de se contribuir para a formação de estudantes, pesquisadores e professores melhores informados sobre as questões internacionais e mundiais, mais conscientes dos aspectos interculturais e mais competentes em suas áreas. A autora enfatiza ainda que um processo de internacionalização autêntico deve diferenciar-se da globalização, pois embora estejam associados, o primeiro fundamenta-se nas relações sociais, culturais e institucionais, enquanto o segundo pauta-se principalmente pelas ideias de competitividade e desenvolvimento econômico.

Quanto às razões de ser da internacionalização, Knight (2005, p. 25-31), ao recapitular seus trabalhos em colaboração com Hans De Wit, as classifica em quatro categorias: sociocultural, política, econômica e universitária. As justificativas de caráter sociocultural estão relacionadas aos propósitos de se fortalecer a identidade cultural de um país, de ampliar a compreensão intercultural no conhecimento de outras realidades, de promover a formação para a cidadania e de contribuir para o desenvolvimento sociocultural local e das proximidades. O caráter político inclui o desejo de incrementar a política externa e a segurança nacional, de desenvolver capacidades técnicas, de promover a paz e a compreensão mútua entre os países, além de nutrir uma identidade nacional ou regional. Quanto às razões de ordem econômica

estão o crescimento econômico e a competitividade, envolvendo as ideias de capacitação do mercado de trabalho e de geração de dividendos. De caráter universitário, considera-se como motivação o reforço internacional e prestígio da universidade, a possibilidade de melhoria da qualidade, o caráter internacional do ensino e da pesquisa e o compartilhamento de padrões acadêmicos internacionais. A autora assinala, porém, que esse conjunto de razões clássicas para a internacionalização vem sendo atualizado e que algumas das motivações têm sido mais determinantes e agora se situam melhor nas interseções das categorias, referindo-se à ideia de construção de uma nação, de estabelecimento de trocas comerciais, de produção do conhecimento como fator indutor de economias, à construção de alianças estratégicas e à marcante preocupação das instituições e dos sistemas de educação superior com uma reputação internacional.

Cabe, assim, elucidar algumas das novas formas de internacionalização decorrentes de razões de ser que se situam entre os espaços políticos e econômicos, uma vez que estes campos apresentam uma influência crescente sobre o acadêmico na perspectiva da sociedade do conhecimento.

### **3 Universidades de Classe Mundial, rankings e outras dinâmicas**

Em relação à noção da centralidade do conhecimento para o fortalecimento das economias nacionais, o que se percebe é que países emergentes têm buscado consolidar universidades de classe mundial a fim de ampliar sua competitividade no cenário global. Embora não haja consenso na conceituação de uma world-class university, Salmi (2009, p. 4-13) aponta que este tipo de universidade conjuga essencialmente três características: i) uma concentração elevada de talentos (professores, pesquisadores e alunos de nível internacional); ii) recursos abundantes para oferecer um ambiente de aprendizado rico e para realizar pesquisas avançadas; e iii) um perfil de governança favorável, que incentive a visão estratégica e a inovação e que apresente a flexibilidade necessária para permitir às instituições a tomada de decisões e a gestão dos recursos sem que sejam sobrecarregadas pela burocracia. Esse novo imaginário tem circulado internacionalmente e já é

possível identificar a existência de grande esforço para atingi-lo. Segundo Robertson (2011, p. 438), para reforçar suas bases de conhecimento e aumentar a contribuição das suas capacidades de pesquisa para o desenvolvimento econômico nacional, a China e países da região árabe, por exemplo, estão se posicionando como destinos para o talento, e têm procurado recrutar estudantes e pesquisadores estrangeiros de excelência, com a vantagem de bolsas generosas.

.....  
30

Essa discussão envolve ainda outra questão diretamente relacionada aos processos de internacionalização da educação superior: a valorização crescente dos rankings acadêmicos. Estes rankings produzem tabelas classificatórias das universidades, estabelecendo critérios objetivos para o julgamento da qualidade das IES. Salmi (2009, p. 4-13) esclarece que, anteriormente, as melhores universidades do mundo eram classificadas a partir de critérios mais subjetivos, como a reputação internacional. Porém essa classificação está cada vez mais atrelada a uma medição objetiva, que considera os resultados quantitativos das universidades principalmente referentes à: formação de graduados altamente procurados no mercado de trabalho, produção de pesquisa de ponta e transferência de tecnologia. Os rankings consideram aspectos como número de alunos e professores internacionais, publicações, citações e prêmios de seu corpo docente, registro de patentes, etc. Tendo em referência este contexto, Beech (2012) aponta que desde fins do século XX tem sido disseminado um discurso de qualidade acadêmica pautado na produtividade, no empreendedorismo e na internacionalização, o que tem influenciado as políticas e prioridades das universidades ao redor do mundo. O autor pontua que muitas IES criaram ou reforçaram unidades especiais para o desenvolvimento internacional, a partir de uma nova compreensão da qualidade universitária (ibidem, p. 415).

Quanto à crescente oferta da educação internacional como fim em si mesmo, cabe destacar que este movimento está relacionado a ideia da educação como serviço, conforme estabelecido pela Organização Mundial do Comércio. Ao incluir a educação superior como um dos itens negociáveis no âmbito do Acordo Geral de Comércio de Serviços, a OMC determinou os modos da sua oferta transnacional: i) a oferta transfronteiriça, na qual o serviço educacional

é ofertado sem que haja deslocamento físico do consumidor, a exemplo do que acontece na educação a distância (EaD); ii) o consumo no estrangeiro, em que o aluno se desloca fisicamente para receber o serviço in loco, o que representa hoje a grande parcela da mercantilização da universidade, tendo como destaques países como a Austrália e os Estados Unidos – que tradicionalmente atraem todos os anos milhares de estudantes para seus cursos; iii) a presença comercial, que consiste na instalação de sucursais ou franquias de universidades em países estrangeiros, e aparece como área de grande potencial para comercialização; e iv) a presença de pessoas, com o deslocamento temporário de professores ou pesquisadores para o estrangeiro, a fim de prestar serviços em outro país (SANTOS, 2011, p. 34-35).

Altbach e Knight (2006, p. 19) argumentam, entretanto, que embora o movimento de mercado seja crescente, os processos de internacionalização tradicional, sem propósitos de lucro, também persistem e contribuem atualmente para melhorar a performance das universidades. Estas iniciativas buscam proporcionar aos estudantes uma perspectiva internacional e multicultural e melhorar o plano de estudos, o que inclui, por exemplo, mobilidade, internacionalização do currículo, estímulo à aprendizagem de línguas estrangeiras, introdução de disciplinas obrigatórias relacionadas com estudos internacionais, etc.

Destacam-se, ainda, como formas de materialização da internacionalização a interação com estrangeiros em grupos de pesquisas internacionais; as parcerias em programas de extensão, a fim de promover mais inclusão social ao redor do mundo; a colaboração científica internacional voltada à publicação; a oferta de disciplinas e cursos em inglês, em países nos quais esta não é a língua materna, fixando tal idioma como língua oficial do conhecimento; a criação de cursos conjuntos entre universidades internacionais que conferem dupla diplomação; a propagação de redes nacionais e internacionais de acreditação da qualidade dos cursos e instituições, etc.



## 4 A geopolítica do conhecimento

Há que se considerar, por fim, que os países não compõem os processos de internacionalização em condições homogêneas. Para ressaltar essa assimetria, Lima e Maranhão (2009) empregam os conceitos de internacionalização ativa e de internacionalização passiva. As autoras assinalam que a forma ativa é exercida por um número reduzido de países, que apresentam sistemas de educação superior consolidados historicamente e uma forte capacidade para a implantação de políticas de Estado voltadas à atração e acolhimento de acadêmicos, dentre outras formas de realização da internacionalização. Já os países em desenvolvimento, que constituiriam as nações passivas, ocupariam uma situação de subalternidade, cabendo a eles o envio de parte de seus acadêmicos às universidades mundialmente notabilizadas, na expectativa da capacitação de seus quadros internos (ibidem, p. 586-588). Lima e Maranhão (2009) advertem ainda, referenciando-se em Filippetti (2007), que os resultados para cada uma das partes envolvidas também são muito diferentes:

[...] os países reconhecidos pela capacidade de atração e acolhimento de acadêmicos além de capitalizar recursos financeiros diretos e indiretos (sem penalizar os estudantes nacionais e o orçamento do Estado), contribuem para: ampliar a rede mundial de influência cultural e política (a); selecionar os melhores cérebros (b); promover transferência de tecnologia (c); criar ambiente de aprendizagem de caráter multicultural (e); renovar a pesquisa e resistir à fuga de cérebros (f); além de enfrentar a imigração não-controlada (g) (LIMA; MARANHÃO, 2009, p. 588).

No entanto, as nações passivas teriam resultados mais limitados. Noutra forma de compreensão dos diferentes lugares que as nações ocupam nos processos de internacionalização, Knight (2005, p. 15-16) utiliza os conceitos de cooperação internacional vertical e horizontal. Na cooperação vertical os ganhos entre as partes não são proporcionais, caracterizando-se pela ideia de que uma universidade mais desenvolvida presta ajuda ou assistência a outra; na cooperação horizontal, a relação que se estabelece é a de benefícios e parcerias mútuos. A abordagem de Lima e Maranhão (2009),

entretanto, mais tarde atualizada em texto de Lima e Contel (2011, p. 21), oferece uma perspectiva mais crítica, subjacente à ótica de uma geopolítica do conhecimento, na qual “não só a polarização de fluxos globais de acadêmicos revela as posições de poder [dos países centrais], mas também a localização bastante concentrada das principais universidades e laboratórios de pesquisa e desenvolvimento permitem que seja proposta a discussão em termos geopolíticos”.

Notadamente, a excelência em educação superior está centrada nos países do Norte, o que torna aqueles sistemas mais atrativos para os estudantes e pesquisadores oriundos de nações do Sul. Uma análise dos dados sobre mobilidade, a forma mais visível e tradicional de internacionalização, permite observar a discrepância entre os Estados. Em 2015, um total de 4,6 milhões de estudantes encontravam-se em estudos fora de seus países de cidadania. As regiões que mais acolhiam esses alunos eram América do Norte e Europa Ocidental (56,1% do total de estudantes em processos de internacionalização), seguidas pelo Leste Asiático e Pacífico (18%), Europa Central e do Leste (11,6%), Estados Árabes (6,8%), África Subsariana (3,2%), América Latina e Caribe (2,3%), Sul e Oeste Asiático (1,1%) e Ásia Central (0,8%)<sup>6</sup>.

As instituições universitárias de países como o Brasil tem assim um imenso desafio para a promoção de uma internacionalização autêntica, dialógica e horizontal, fundamentada no princípio da educação como bem público. É preciso descobrir caminhos para inserir-se positivamente neste contexto mundial, acessando o conhecimento de ponta, mas também impulsionando a internacionalização solidária com outros países em desenvolvimento, sobretudo da América Latina e Caribe, nos quais reside um saber importante e que deve ser potencializado para a superação de problemas regionais.

---

6. Unesco Institute for Statistics (Unesco-UIS). Total inbound internationally mobile students. Disponível em: <<http://data.uis.unesco.org/#>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

## REFERÊNCIAS

ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. Visión panorámica de la internacionalización en la educación superior: motivaciones y realidades. *Perfiles Educativos*, México, v. 28, n. 112, p. 13-39, 2006.

BEECH, J. Quem está passeando pelo jardim global? Agências educacionais e transferência educacional. In: COWEN, R.; KAZAMIAS, A. M. (Org.). *Educação Comparada – Panorama internacional e perspectivas*. Brasília: Unesco; Capes, 2012. v. 1, p. 413-433.

BOURDIEU, P. As condições sociais da circulação internacional das ideias. *Revista Eletrônica Enfoques*, Brasília, v. 1, n. 01, p. 4-15, 2002.

CASTRO, A. A.; CABRAL NETO, A. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, n. 21, p. 69-96, 2012.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, 2003.

DIAS SOBRINHO, J. Dilemas da educação superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KNIGHT, J. Cinco verdades sobre internacionalização. *Revista Ensino Superior Unicamp*, 2012. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/cinco-verdades-a-respeito-da-internacionalizacao>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. Five myths about internationalisation. *International Higher Education*. Boston College. Center for International Higher Education, issue 67, 23 Feb. 2011, p. 14-15.

\_\_\_\_\_. Modèle d'internationalisation ou comment faire face aux réalités et enjeux nouveaux. In: OCDE. *L'enseignement supérieur en Amérique latine: la dimension internationale*. Paris: Organization de Coopération et de Développement Économique, 2005. p. 11-45.

LIMA, M.; CONTEL, F. *Internacionalização da Educação Superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento*. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

LIMA, M.; MARANHÃO, C. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. *Avaliação*, Campinas, v. 14, n. 3, p. 583-610, nov. 2009.

NOGUEIRA, M. A. Viagens de estudo ao exterior: as experiências de filhos de empresários. In: ALMEIDA, A. M. F. et al. *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. p. 47-63.

ROBERTSON, S. Desafios enfrentados por universidades em um mundo em globalização. In: MOROSINI, M. C. (Org.). Qualidade na educação superior: reflexões e práticas investigativas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 430-451.

\_\_\_\_\_. Imaginários metafóricos: re/visões sobre a ideia de uma universidade. In: FISCHMAN, G. (Org.). A universidade imaginada. Rio de Janeiro: Nau, 2012. p. 223-241.

SALMI, J. The Challenge of Establishing World-Class Universities. Washington: The World Bank, 2009.

SANTOS, B. S. A Universidade no séc. XXI, para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.